

Um ortopedista atuando como docente de ortopedia e traumatologia na graduação



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.007-057>

João Paulo Fernandes Guerreiro

Pós-Doutorado

Instituição Acadêmica: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RESUMO

A prática da docência da ortopedia e traumatologia em nível acadêmico vem aumentando no nosso país como consequência do aumento do número de

cursos de medicina. Em muitos casos profissionais não tão bem preparados passam a ser professores responsáveis de uma disciplina.

Nesse artigo relato um pouco da experiência que venho tendo nos últimos anos como professor de ortopedia na graduação. Relato a concepção de ensino desenvolvida, a abordagem que tenho desenvolvido e a avaliação da eficácia dessa abordagem.

Palavras-chave: Ensino, Ortopedia, Graduação.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONCEPÇÃO DE ENSINO

Minha atual concepção de ensino tem como base a maneira como fui ensinado na minha formação acadêmica como médico e pós-graduação na residência médica de ortopedia e traumatologia, mestrado e doutorado em cirurgia. Essa base tem uma boa vivência prática como discente, mas foi desprovida de conceitos pedagógicos. Minha prática como docente começa como supervisor de um programa residência médica em ortopedia e traumatologia desde 2014 e examinador nas provas de título da especialidade de ortopedia e traumatologia junto da Sociedade da classe nesse mesmo período. De novo, uma boa vivência prática, mas sem nenhum conhecimento teórico pedagógico. O início do meu conhecimento pedagógico teórico só aconteceu quando iniciei minha atuação como professor na graduação em julho de 2017 e comecei a participar dos cursos de formação dentro de universidade em 2019 e iniciar entender conceitos de Linda Suskie, 2009 e John Biggs, 2011; buscar por livros textos como Scallon, 2015 e Barkley, 2020. Aprendi conceitos para desenvolver o alinhamento construtivo, abordagem por competências e avaliação de aprendizagem significativa. Passei a conhecer e entender melhor o meu papel como professor e o que seria o papel do aluno.

Na minha prática como docente sempre busquei me espelhar nos professores que tive e que mais despertaram o interesse sobre o assunto que ensinavam, os que me deixaram mais confortáveis para aprender sem medo de errar, os que me fizeram aprender com os erros de forma segura e os que pareciam deixar aquele assunto mais acessível para os seus estudantes. Percebi durante minha formação e vivência como docente e preceptor que a disciplina positiva pode ser uma grande aliada do



ensino. Ler um pouco sobre educadoras como Maria Montessori e autoras, como Jane Nelsen, esclareceu alguns pontos básicos sobre o assunto e me estimulou a praticar a conexão com os estudantes. Crio estratégias para estimular o interesse do estudante pela busca de conhecimento teórico e prático para preparar-se para a prática futura que o espera. Falar menos e perguntar mais, estabelecer combinados, com isso tento auxiliar o estudante a aprender a utilizar os conhecimentos e ferramentas disponíveis para a resolução dos problemas.

Acredito que quando o estudante mais aprende é quando se sente parte do processo e atua ativamente sob uma supervisão que vem sempre com a ideia de dar bons exemplos do “Saber Ser” naquela situação, “feedbacks” de maneira sincera e construtiva deixando claro que ninguém é 100% perfeito (sempre haverá algo a melhorar) e estimulando a auto-avaliação. O papel do professor está em demonstrar naquela determinada ação como o aluno deve atuar, qual seria o mínimo esperado dele naquele momento, o que não pode acontecer como resultado da ação dele e demonstrar em que momento aconteceu a falha. Deve ainda explicar o que significa um bom e um mau desempenho de forma clara, o que é permitido durante o processo de aprendizagem, acolher quando o aluno erra e ensiná-lo a aprender com os erros. Meu objetivo é ensinar proporcionando ao aluno a oportunidade de aprender a fazer de forma embasada em conceitos prévios já ofertados, num cenário seguro e confortável para ele, podendo errar e aprender com os erros, gerando alguma satisfação e não apenas frustração.

Acredito que um bom ensino não pode ser garantido sem uma boa avaliação. Seguindo as 5 dimensões de Gulikers, 2004; com o conceito de avaliação autêntica, o aluno precisa saber o que ele deve fazer, onde ele deve fazer, com quem ele deve fazer, qual será o resultado da sua ação e como o que ele fizer será avaliado. Para mim o bom ensino é o que gera a garantia da aprendizagem do aluno da melhor forma possível. Para isso acontecer tudo tem que estar bem esclarecido e combinado entre o professor e o aluno antes do início da aprendizagem, o processo tem que ocorrer conforme o combinado, deve ter participação ativa de ambos, gerando sempre desafios e alguma satisfação (para estimular o maior empenho possível), produzindo “feedbacks” durante o processo, e a avaliação deve ser contínua e ter participação de ambos (visando gerar a evolução do aluno e do próprio processo) durante e ao final.

2 ABORDAGEM DE ENSINO

Acredito que a maioria dos estudantes do curso de medicina, quando escolhem essa trajetória, se imaginam na frente de um paciente tentando ajudá-lo da melhor forma possível. Dentro da especialidade da ortopedia e traumatologia a possibilidade de diferentes cenários são muitas. Uso esses possíveis cenários como plano de fundo para minha abordagem. Tento levar o aluno a essa situação com exemplos que cito nas aulas expositivas, com os casos clínicos discutidos nos tutoriais, para que



essa sensação de responsabilidade e necessidade de tomar decisões corretas os estimule a fixar o conhecimento básico do tema (esse geralmente tento deixar muito claro nas minhas falas e repito diversas vezes em diversas situações e exemplos diferentes) e a sempre buscar o seu aperfeiçoamento. Essa abordagem se inicia indicando aos estudantes o estudo prévio através da leitura de um texto básico sobre um tema por parte do aluno, buscando rever conteúdos aprendidos anteriormente e trazer novos conteúdos para a discussão que faremos. Então faço uma aula expositiva na qual o aluno tem a oportunidade de reforçar alguns conceitos adquiridos no seu estudo e sanar dúvidas que tenham surgido. Num terceiro tempo simulamos o atendimento a um caso problema, que preparei previamente, no qual a cada etapa da avaliação por parte do aluno eu questiono sua capacidade de fazer o diagnóstico do problema, realizando um exame ou propondo a realização de análises que o auxiliem a elaborar uma hipótese e propor uma conduta para o caso, baseada no conceito que já aprendeu (com o estudo e com a aula expositiva) e na sequência apresento um “feedback” acrescentando informações e maneiras diferentes de abordar o mesmo caso, dou exemplos de situações e condutas já realizadas por mim ou relatadas por colegas, a fim de aumentar o leque de possibilidades de ação do estudante no futuro. Esse processo se repete para cada um dos temas de estudo e abrange todos os elementos de competência e resultados de aprendizagem da disciplina de ortopedia e traumatologia como tentamos traduzir no nosso mapa mental presente no plano de ensino. Fizemos essas simulações durante o ciclo da disciplina como avaliação formativa e ao final de cada ciclo da disciplina fazemos uma avaliação somativa seguindo o mesmo formato, mas em questões abertas e de múltipla escolha da prova escrita. Esse ano, ao final de cada semestre, por recomendação da nossa coordenação do curso, aplicamos uma prova prática somativa no formato de OSCE (Exame clínico objetivo estruturado) onde o aluno deveria realizar um atendimento simulado mostrando como se comportaria e como faria a avaliação inicial de um paciente. Utilizamos como "modelos" de pacientes alguns alunos voluntários que passaram pela disciplina no semestre anterior. Como teríamos essa avaliação ao final do semestre, os alunos se mostraram empenhados nas avaliações formativas que fiz durante os encontros presenciais que discutimos casos clínicos e eles podiam praticar o atendimento num boneco ou colega com foco em saber abordar o paciente, realizar o exame físico e demonstrar como fariam a explicação do diagnóstico e possíveis opções de tratamento inicial.

Vou dar um exemplo do tema traumatologia. Os resultados de aprendizagem incluem 1-analisar os principais achados do exame físico, 2-avaliar os principais exames complementares a serem solicitados, 3-elaborar hipóteses diagnósticas e 4-propor um tratamento inicial. Indicamos aos estudantes que estudem a anatomia da articulação em questão. Damos uma aula prática de anatomia utilizando o laboratório de anatomia. Antes da discussão do tema fornecemos aos estudantes algumas questões que pretendemos que sejam respondidas para servir como um roteiro de estudo e busca de conhecimento prévio. No dia do encontro apresentamos um caso clínico e vamos perguntando sobre



cada um dos resultados de aprendizagem pretendidos como forma de avaliação formativa e fazendo as correções e “feedback” de cada pergunta para que a turma toda tenha o conhecimento dos conceitos corretos e entendam como serão avaliados no dia da avaliação somativa e futuramente, quando formados. Pedi para os alunos demonstrarem em um boneco manequim ou colega como fariam a anamnese e exame físico do paciente, sempre parando para corrigir e sanar as dúvidas, e depois como tentariam explicar sobre o diagnóstico e tratamento inicial pretendido. As avaliações somativas escritas foram formadas por questões que seguiram o mesmo modelo que utilizamos nos casos clínicos e situações problemas, sempre com questionamentos feitos sobre os resultados de aprendizagem pretendidos. Entendo que utilizando os casos clínicos e tentando levar os alunos, ao menos de forma indireta, para frente do paciente, precisando tomar algumas decisões, mesmo durante o 3º ano da faculdade, estimulamos os estudantes a se sentirem mais próximos da prática clínica, promovemos o desenvolvimento do raciocínio, a autorregulação e a metacognição.

Realizamos o ensino dessa forma pois acreditamos que a atuação ativa do estudante relembrando conteúdos prévios, adquirindo novos conceitos com leituras sugeridos pelo professor e demonstrando como utilizá-los, sob supervisão, associados à exposição do professor do seu conhecimento na aula expositiva e com os exemplos práticos na discussão dos casos problema durante o “feedback”, inclusive com novos exemplos, alia o aprendizado do estudante em buscar a informação com a maneira de utilizá-la numa prática futura. Por atuar não apenas como professor de ortopedia na graduação, mas como preceptor do internato, preceptor da residência e atendendo meus pacientes no consultório particular consigo dar os mais diversos exemplos das mais diversas situações que vivencio e isso ajuda os alunos a se verem nessas diversas situações futuras, que estão se preparando para enfrentar num futuro próximo. Também percebo que citar exemplos de casos e dificuldades que encontrei no meu dia a dia me aproxima e desperta mais interesse dos alunos. Percebo que colocando, mesmo que hipoteticamente, os alunos nesses cenários e dando exemplos práticos que já vivenciei ou conheci, posso promover o surgimento do interesse (atingir o lado emocional dos alunos) pela disciplina ou tema de estudo que os estimula a utilizar o conhecimento prévio, a fazer a interação entre informações aprendidas anteriormente e recentemente, e a buscar o novo conhecimento para resolver aquela situação problema.

3 EFICÁCIA DA ABOARDAGEM ADOTADA

Nas notas das avaliações somativas não observei tendências e nem “outliers“. Elas tiveram uma variação dentro da turma, mas sem muitas discrepâncias na minha avaliação. Sei que isso pode ser porque houve um aprendizado suficiente da turma para o que foi proposto no início do ciclo, principalmente porque isso foi compatível com os resultados das avaliações formativas que fizemos durante todas as semanas do semestre.



Com o retorno dos encontros presenciais em 2022 pude perceber melhor como cada estudante estava com as avaliações formativas presencialmente. Com isso as correções de rota durante os semestres me pareceram mais assertivas. Ao trabalhar presencialmente com os estudantes atendendo o paciente simulado nas aulas ou o paciente “real” no ambulatório podemos perceber que cada um deles adquiriu o conhecimento e capacidade esperada e programada antes do início do curso. Notamos que nosso auxílio como professores ajudou, mas o empenho dos estudantes foi fundamental. Ler os relatos nas nossas avaliações nos surpreendeu positivamente e acreditamos que conseguimos transmitir a eles um pouco da nossa satisfação em estudar a especialidade de ortopedia e traumatologia. Alguns relataram espontaneamente que mesmo não pretendendo se tornarem ortopedistas no futuro gostaram de estudar os temas da ortopedia.

Acredito que as avaliações formativas primeiramente mostraram como seria o método da avaliação somativa reduzindo um pouco da ansiedade no dia da prova. Como já dito no item anterior sobre a abordagem de ensino, acredito que durante o exercício de avaliação de casos problema o estudante tem a oportunidade de exercitar seu raciocínio e até mesmo de errar e ter seu conhecimento complementado pelo “feedback” e outros exemplos de condutas possíveis para cada caso. Estar presente nas aulas e discussões em 2022 fez diferença para percebemos a evolução dos estudantes.

Minha maneira de perceber a eficácia da nossa abordagem foi baseada em seis itens. Primeiro foi observar a evolução, a cada nova semana, na segurança e na qualidade do atendimento e discussão dos casos vistos no ambulatório. Segundo, observar os resultados das avaliações formativas durante as discussões dos casos nos tutoriais. Terceiro, vendo o desempenho deles na prova prática que aplicamos quantitativamente e qualitativamente. Quarto, obtendo boas avaliações e “feedbacks” dos estudantes. Quinto, receber comentários positivos da coordenação do curso. Sexto, encontrar alunos dos anos anteriores no internato já nos cenários de prática no hospital no 10º período, bem preparados para realizar o atendimento ortopédico inicial. Senti que houve uma conexão dos alunos com a ortopedia e traumatologia nesse semestre e que eles levarão os conceitos que o médico clínico geral deve saber sobre ortopedia. Tive alta procura por alunos para iniciarmos iniciação científica na área da ortopedia em 2022 com 4 deles conseguindo bolsa PIBIC 22-23.

Essa possibilidade de contato por um pouco mais tempo na iniciação científica após o fim do semestre do curso de ortopedia com alguns “ex-alunos” me trouxe “feedbacks” algumas vezes mais sinceros e detalhados da disciplina que acabaram de cursar do que os “feedbacks” daqueles alunos que ainda estão acabando o semestre da disciplina, no “calor” do fim do semestre e com isso fiquei com uma segurança maior de que estamos no caminho certo.

Os estudantes orientados por mim em 2022 atingiram os objetivos esperados para alunos do 5º período. Percebi isso pelas notas finais, mas também pelo desempenho nas últimas avaliações formativas teóricas e práticas, pela maneira que estavam apresentando e discutindo os casos nas



últimas discussões e tutoriais; e nos últimos ambulatórios. Outro ponto que considero fundamental no meu papel como docente é cativar os alunos pela disciplina que é considerada “um mundo à parte” dentro da medicina. Senti ter cumprido bem isso como os elogios já e quando muitos alunos da turma me pediram para acompanhar algumas cirurgias durante ao final do curso e até mesmo nas férias.



REFERÊNCIAS

Scallon, Gérard. Avaliação da Aprendizagem Numa Abordagem por Competências. Curitiba: PUCPRPress. 2015

Barkley, E.; Major, C. Técnicas para Avaliação da Aprendizagem: Um Manual para os Professores Universitários. Trad. Juliana Vermelho Martins. Curitiba: PUCPRESS, 2020

Gulikers, J.T.M., Bastiaens, T.J. & Kirschner, P.A. A five-dimensional framework for authentic assessment. *ETR&D* 52, 67. 2004